

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: UESP

Class.: 10

Data: 22/06/83

Pg.: _____

Seringais do Acre são destruídos pela pecuária

JORGE ROSA
Da sucursal de Brasília

As seringueiras do Acre estão morrendo por esgotamento natural ou pela ação das motosserras, responsáveis pela derrubada de tradicionais seringais para a implantação de projetos pecuários. Nesse processo, as maiores vítimas têm sido os seringueiros, que procuram resistir a este avanço, na maioria das vezes, de forma violenta, utilizando-se de armas, mas bem orientados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Os acordos entre proprietários rurais e os seringueiros têm sido praticamente impossíveis, porque as partes não querem fazer concessões.

O coordenador do Incra, no Acre, general Fernando Moreno Maia, disse que tem procurado fazer um trabalho de aproximação com os representantes da Contag e da CPT, para conscientizá-los do trabalho que o Incra vem realizando no Estado. Para o seringueiro Milton Cardoso de Lima, o próprio governo não está interessado em desenvolver a produção de borracha extraída de seringais nativos "pois não é mais possível se obter financiamentos que nos forneça capital de giro suficiente para promover a manutenção do seringueiro. Conseqüentemente, a produção vem caindo assustadoramente". Em Plácido de Castro, por exemplo, a produção, que já chegou a 900 toneladas, atinge atualmente apenas 250 toneladas.

Os dirigentes do Incra consideram que a situação atual no Acre, como em toda a Amazônia, é de transição. Ou seja, a região está saindo de um sistema tradicional de extrativismo para a exploração racional de seus recursos naturais, obedecendo práticas modernas que são, na maioria das vezes, incompatíveis com os hábitos e tradições regionais. O problema fundamental, entretanto, é que a atividade extrativista, apesar de apresentar índices decrescentes, ainda constitui a economia básica do Acre, e a sua substituição por outras formas ou modelos econômicos não poderá ocorrer de forma brusca, o que gera conflitos e focos de tensão social tendo, de um lado, o seringueiro e, de outro, os grandes proprietários do Sul do País, que compararam grandes áreas no Estado, especialmente ao longo das estradas federais, atraídas pelas vantagens concedidas pelo governo estadual.

A "inchação" da cidade de Rio Branco, enfrentando toda a espécie de dificuldades por falta de infraestrutura básica, é, segundo alguns técnicos do Incra, a consequência da desativação dos seringais e castanheiras nativas. Os problemas daquela capital, já com aguda taxa de desemprego, tendem a se agravar com o crescente êxodo rural.

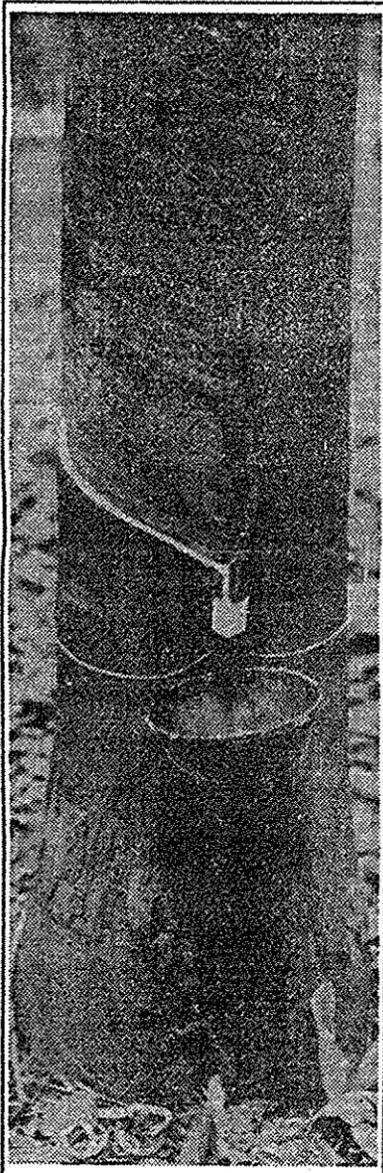
A economia extrativista no Estado do Acre é praticada em 80% dos imóveis do Estado, incluindo a extração do látex, da castanha e da madeira. A atividade principal continua sendo a exploração de seringais nativos, que são compostos por colocações, conhecidas por nomes bastante pitorescos como Alto do Bode, Vai-Se-Ver, Come Gente e outros. Cada colocação, explorada por um seringueiro, é formada por "estradas" que possuem, em média de 100 a 120 árvores, correspondente a parte da tarefa de um dia de trabalho.

No sistema tradicional de extração de látex de seringueira o mais oneroso e sacrificado é o seringueiro, considerando que todos os custos unitários das mercadorias necessárias para o trabalho e alimentação contêm acréscimos calculados pelos fornecedores (seringueiros, aviadores e gerentes). A aquisição de seringais nativos por grandes proprietários significa sua desativação, rompendo todos os elos responsáveis pela manutenção da atividade. Técnicos do Incra explicam que mesmo sendo aparentemente injusta a situação do seringueiro, constata-se que o sistema tradicional raramente gera climas de tensão social. Em suas colocações o seringueiro desenvolve a pecuária e a agricultura de subsistência vinculada à exploração extrativa, sendo sua principal característica a preservação dos recursos naturais renováveis.

O desequilíbrio provocado pela transição entre a exploração extrativista para a exploração econômica tem provocado situações críticas de tensão social, onde a intervenção do Incra tem-se limitado à tentativa de acordo entre as partes envolvidas. Orientados pela Contag e pela CPT, o comportamento do seringueiro modificou-se em relação aos últimos dois ou três anos. Hoje, já existe, em todas as áreas, delegadas sindicais, estimulando a formação de movimentos com elevado grau de consciência em suas reivindicações.

Para demonstrar a situação crítica em que se encontra o Acre, em seus aspectos fundiários, funcionários do Incra recordam que na fazenda Campanário do Ina, de propriedade de Veríssimo da Costa Neto, localizada entre os quilômetros 157 e 159 da BR-317, os seringueiros conseguiram em abril deste ano impedir a derrubada da mata para o plantio de lavoura de milho, cujo proprietário havia obtido financiamento de custeio do Banco do Brasil e autorização de desmatamento de 288ha por parte do IBDF.

O processo de desmatamento começou no dia 17 de abril, se estendeu pelo dia 18, mas no dia seguinte o administrador Jorge Horácio foi surpreendido por uma concentração de 80 seringueiros que exigiram a paralisação dos trabalhos, com base no Decreto-Lei nº 4841, de 17 de outubro de 1942, que



proíbe a derrubada de seringueiras e castanheiras. Citaram, também, o Decreto nº 8.843, de 26 de julho de 1911, que criou a Reserva Florestal do Acre. Como os seringueiros se mantiveram irredutíveis, evitando qualquer tipo de acordo, o proprietário do imóvel decidiu cancelar o financiamento e assumiu um prejuízo de Cr\$ 600 mil.

Idêntico comportamento teve o proprietário Orozino Villas Boas, da Fazenda Filipinas, com uma área de 5.820 hectares. Funcionários do Incra contam que na área foram identificados somente três ocupantes, aos quais o proprietário se dispôs a doar uma área para sua regularização fundiária. Entretanto, ele decidiu posteriormente cancelar um financiamento do Programa de Borracha II (Probor) para o plantio de 50 hectares de seringueiras, alegando falta de segurança.

No seringal Nazareth, com área de 46.149 hectares, de propriedade de Geraldo Bordon, encontram-se 52 colocações de seringais. O seu proprietário, com financiamento do Probor II para implantação de 250 hectares de seringais de cultivo, conseguiu firmar um acordo com os seringueiros, com a intervenção do Sindicato Rural de Xapuri e da Contag. Essa foi a alternativa, no mês de março passado, diante das

pressões exercidas por 52 homens armados com facões, revólveres, espingardas, rifles 44, procedentes dos Seringais Sibéria, Albracia, Boa Vista e do próprio Seringal Nazareth, liderados pelos delegados sindicais na área, Raimundo Mendes de Barros e Pedro Neto Carvalho.

Esses homens chagaram ao local, derrubaram dois tapiris (barracões rústicos) de acampamento e queimaram outro que era usado pelo empreiteiro da derrubada para a estocagem de alimentos e outros materiais. Em seguida ameaçaram que se novamente os encontrassem no local iriam destruir tudo, inclusive as máquinas. Ao sair deram vários tiros para o alto e sumiram na mata, segundo relato extraído do depoimento que o operador de máquinas Lacir Roberto de Brito prestou na delegacia municipal de Xapuri. Desse dia até 31 de abril os trabalhos ficaram paralisados, sendo reiniciados no dia 1º de maio, quando o proprietário do imóvel concordou em indenizar três seringueiros prejudicados pela derrubada, entregando-lhes também uma área a título de doação.

Para alguns técnicos do Incra, a solução do problema fundiário do Acre não é simples porque os seringueiros não aceitam facilmente os acordos. A situação complica-se com a resistência dos proprietários rurais em cederem parte de seus imóveis para a regularização fundiária dos seus ocupantes. Atualmente, os seringueiros demonstram também maior organização e não aceitam para exploração uma área de 55 hectares, que corresponde ao módulo fixado para o Estado do Acre. "Suas reivindicações começam a tomar rumos de exigências que dificultarão possíveis acordos amigáveis com os proprietários", afirmam os técnicos.

Os seringueiros só estão aceitando acordos que compreendam integralmente a área correspondente às colocações do seringal que exploram. Isso tem sido praticamente impossível, porque em primeiro lugar essas colocações não possuem área bem definida e podem variar de 100 a 300 hectares. A situação se agrava pela característica nômade do seringueiro, pois se constata uma variação muito grande do número de ocupantes para mais ou para menos, o que dá um grau de incerteza no momento de formalizar o acordo dentro das ações discriminatórias administrativas promovidas pelo Incra.

Para ajustar a característica fundiária do Acre à legislação em vigor, que trata das ações discriminatórias, o Incra está estudando formas alternativas, que dêem ao seringueiro possibilidades de manter-se em sua atividade extrativista até que os cultivos de exploração racional implantado nas áreas de ocupação permitam ao seringueiro o abandono da atividade tradicional.

Alguns seringueiros, entretanto, já abandonaram completamente e aceitaram do Incra uma gleba de terra, de até 100 hectares, no Projeto de Assentamento Dirigido (PAD) Pedro Peixoto, próximo a Rio Branco, ou no PAD Boa Esperança, em Sena Madureira. Esse é o caso de Manoel Oeiras de Assis, que ocupa o lote 36, do km 90 da Rodovia AC-040, dentro da área do PAD Pedro Peixoto.

Durante 18 anos, Oeiras de Assis explorou as seringueiras existentes na colocação Alto do Bode, situada no seringal Catuaba. Hoje, tem em seu poder uma licença de ocupação do Incra para uma área de 70 hectares, onde já cultivava 4 hectares de milho, mandioca e arroz, enquanto se prepara para plantar três hectares com seringueiras, com financiamento do Banco da Amazônia, dentro das condições do Probor-II. Sua casa de madeira é improvisada, onde vive com a mulher e uma filha de oito anos. Na sala está afixada na madeira um calendário da Comissão Pastoral da Terra, para 1980, onde no mês de junho se lê a inscrição: "A união e a luta de todos os oprimidos libertará a terra". Ou então: "Retirantes, chega o dia de assentar o pé no chão com fé em Deus, na teimosia e na força da união".